



Sinais e gravaduras nos moinhos galegos

Ramiro Barros Justo

Desde começos da Idade do Bronze é bem conhecida na Galiza -nomeadamente na faixa atlântica- o gosto dos seus habitantes polo estampado de símbolos e figuras (gravuras rupestres) sobre os abundantes afloramentos graníticos da comarca. O desejo de estabelecerem lugares permanentes de culto ou o de assinalarem os limites ou fronteiras entre as zonas de caça e pastoreio das distintas comunidades levou-nos a escolher este material com certeza, nom pola sua facilidade de trabalho, senom pola idéia de permanência. E foi esta idéia de transmissom de um pensamento ou mensagem para as geraçons futuras a que impulsionou em grande medida as gravuras que em forma de aras, miliários, sinais gremiais e inscriçons de mil formas e tamanhos chegárom a nós ao longo da história mercê ao seu pétreo suporte. Por mais que, como no caso dos petróglifos, a mensagem ficasse obscura com a passagem do tempo e o desaparecimento ou evoluçom da cultura criadora. Com a entrada na etapa história através da conquista romana e a assunçom do latim como língua escrita, os caracteres convertem-se em pouco tempo na principal motivo das insculturas fazendo-se mesmo comuns na arquitectura culta e nas obras civis, costume que perdurou até os nossos dias.

Foi precisamente com a conquista e a posterior adesom ao Império do nosso território quando as sociedades clánicas ou tribais até daquela dominantes na Galiza entram num complexo sistema estatal com um novo modelo social totalmente estamentado. Como conseqüência nasce o conceito de classes populares, as formadas polos indivíduos dos estamentos inferiores e mais

numeroso, dedicados na sua maior parte à produçom de alimentos. E só entom que se pode falar dumha verdadeira cultura popular, como um outro universo paralelo com as suas próprias regras e valores por vezes apenas cruzado com o das classes dirigentes nos pontos de interdependência mútua. O interesse histórico da evoluçom destas "subsociedades", só recentemente reconhecido, é acotio dificultoso por tratarem-se de culturas ágrafas e cujo testemunho escrito vem-nos sempre condicionado polo subjectivo olhar da classe dominante. É neste ponto que as técnicas aplicadas ao estudo das sociedades primitivas através da análise pormenorizada das suas criaçons materiais como altamente representativas do seu universo cultural, som do mesmo jeito aplicadas na investigaçom das culturas populares no seio das sociedades mais evoluídas e complexas. Guiados pola mesma idéia e aplicando a técnica da etnoarqueologia, nos últimos anos muitos investigadores têm mesmo andado o caminho para trás tirando hipóteses sobre culturas das que só dispomos do registo arqueológico através do estudo das sociedades ágrafas do presente.

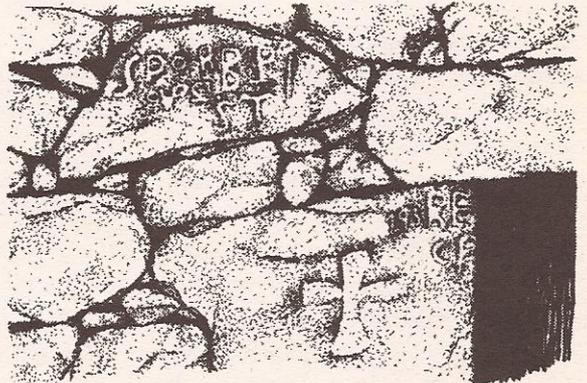
No caso concreto da Galiza, o estudo da cultura material produzida polas suas classes populares no seio da sociedade pre-industrial nom saiu ainda do seu alvorecer. Mesmo assim, nom é arriscado apontar o pouco gosto dos nossos lavregos pola impressom de gravados e sinais, para além dos manifestamente estéticos, sobre as suas fábricas. No que concerne ao universo dos objetos as marcas de origem e significado variado acham-se nomeadamente sobre as ferramentas e apeiros de manufatura artesá (

ferraria, carpintaria, olaria, etc.) e além disso podem-se encontrar sobre umha ampla variedade de materiais quase sempre em relacionamento com a contagem do tempo, do gado, de cereais, etc. Outro tipo de sinais som os ligados ao território conformado principalmente polas riscas de propriedade sobre árvores ou as marcas em penedos indicando o limite de freguesias, montes e caminhos. Mas, é sem dúvida no quadro da sua arquitectura onde o povo achou que as mensagens seriam mais perduráveis e facilmente interpretadas e por isso cruces, inscriçons e figuras de infinida representatividade enfeitam os lintéis das janelas, os silhares das fontes, as portas dos fornos, os testeiros dos canastos e mesmo as lousas de pontes e correioiras ao longo de todo o território. Contudo, a freqüência e diversidade com que estas manifestaçons se localizam nos moinhos de água nom é comparável ao de nengumha outra obra da nossa prejudicada arquitectura popular.

A peculiaridade da geografia galega, junto com o complexo modelo de ocupaçom territorial (do que em grande medida a primeira é responsável), originarom no nosso País umha cultura da auto-suficiência especialmente notável a respeito de outras regions da Europa. É nesta cultura, em que os recursos para a subsistência têm de ser procurados dentro dum universo local o mais restrito possível que os moinhos galegos se dotárom de toda a sua personalidade. A baixa rendibilidade, por assentarem-se em leitos de limitado caudal fai com que o seu número seja surpreendente ao tempo que origina na maioria um curioso sistema de propriedade convezinhada que o converte nom ape-



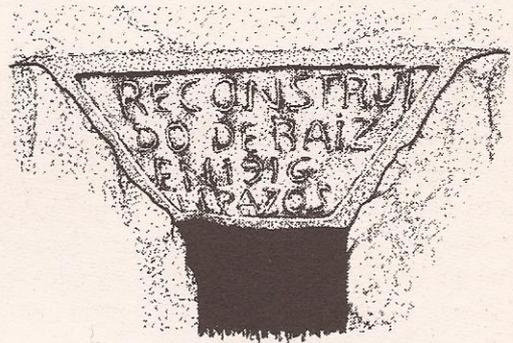
M. DE RIBA (S. JORGE DE SACOS)



M. DOS CENDONS (SALCEDO)



M. DO MEDIO (S. JORGE DE SACOS)



M. VELHO (ALMOFREI)



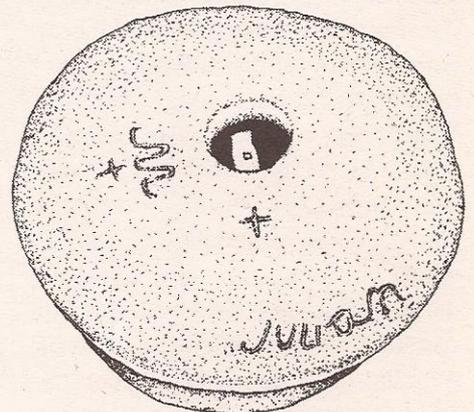
M. DO CACHANDO (TENÓRIO)



M. TORTO (S. JORGE DE SACOS)



M. DE MIGUEL (ÁGUAS SANTAS)



M. DE SANTOS (MEIRO - BUEU)

nas num imprescindível elemento dentro dumha pobre economia cerealista, mas também num foco de coesom capaz de acalmar as contínuas tensões que pairam sobre a pequena comunidade. A inveja, funciona aqui as mais das vezes como um mecanismo auto-regulador perante o paradigma que supom a constante procura da prosperidade com o perigo que reporta a sua consecução, assumido o axioma de que o progresso é só possível nesta sociedade se é conseguido às custas da decadência alheia. Porém, é preciso proteger-se das más olhadas que podem espreitar trás o rosto de cada convizinho tendo em conta a paradoxal relação que o convertem no mais estreito colaborador ao tempo que em voraz competidor num habitat de limitados recursos. Deste modo, a protecção quer em forma activa (orações, rituais, precauções de todo o tipo), quer de forma passiva através de objectos, plantas ou animais está presente em quase todas as facetas da vida, mas é especialmente importante no que atinge aos factores de peso na economia doméstica, o gado, as colheitas, as transações nas feiras, os filhos, etc. É só assim que podemos entender a relevância que na nossa cultura tradicional adquiriu a cruz como elemento supremo de protecção passiva, onipresente também em todos os ritos relativos à restituição do mal já feito. No que atinge à arquitectura tradicional, a cruz é com certeza a sinal mais representado em paredes e muros, tornando-se a sua existência quase inelidível nas construções implicadas na elaboração do pam (alimento base da economia de subsistência), fornos, canastros e moinhos. Nestes últimos, a sua onipresença insculpida nas jambas ou dintéis da porta actuam como elemento dissuasório contra a entrada do mal, especialmente espreitante nesta edificação comunal por excelência e na que os trabalhos de todo o ano vam caminho de se lograrem para o sustento

físico da casa. Com função exclusivamente protectora, ainda que muito menos comuns que as cruces, encontram-se também a estrela de David, conhecida popularmente como cruz de Salomom e que com mais assiduidade é usada para proteger o gado colocando-a em jugos ou portas das cortes.

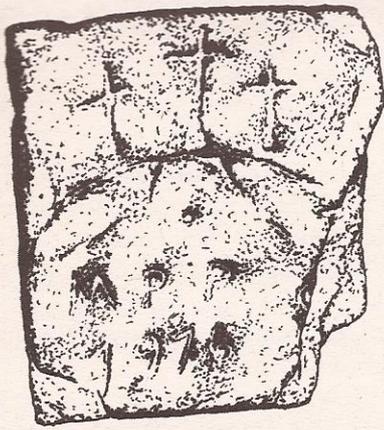
A seguir em número, pola sua frequência de aparecimento, no moinho achamos as inscrições, muito menos carregadas de significante cultural, a maioria representam a versão popular dum fenómeno mais sistematicamente reproduzido na arquitectura culta. É por isto que as mais numerosas são aquelas em que o construtor ou promotor tentou deixar testemunho do ano do erigimento às vezes até acompanhada do seu nome, iniciais ou mesmo outros esclarecimentos relacionados com a iniciativa. As datas em ocasiões só aludem a reformas ou simples aberturas de ocos, polo que nem sempre servem para a datação irrefutável do edifício. Contudo não se acham datas anteriores ao século XVII, época em que foram refeitos os moinhos mais antigos para adaptarmos às necessidades do novo cereal chegado das Américas “o milho” e que havia de supor um revolucionamento económico e cultural. Outro tipo de inscrições mais minoritárias são as que, acompanhando habitualmente as cruces, têm por objecto reforçar os seus efeitos com o acrescentamento de nomes de santos, alusões à virgem ou com qualquer outra fórmula religiosa. Fora disto e, mui pontualmente, é possível achar gravuras atípicas a indicar alguma peculiaridade do moinho “no moele los gueves” ou mesmo outras em que o autor exprime o seu ideário. As inscrições apesar de se encontrarem sempre redigidas em espanhol por serem de Idade Moderna e Contemporânea, épocas em que o galego não é concebido como língua escrita, reflectem de cotio rasgos do idioma ver-

náculo dos insultores (gheada, vocabulário, modismos, etc..) fruto do escasso conhecimento que na altura o povo possuía da língua de prestígio.

Um terceiro grupo de sinais seria o conformado pelas figuras ou desenhos de variadíssima temática e cujo motivo haveria que o procurar nos mais dos casos no aborrecimento que costumavam acompanhar as longas moinhadas.

Por último, aglutinadas baixo o item das gravuras de utilidade mecânica são para incluir as riscas nas paredes interiores, como provas de se a ferramenta com que periodicamente se picam as pedras de moer está bem apontada, as que sinalam sobre a mó (pedra superior de moagem) o lado em que este tem que ser colocada ou as que no exterior indicam discretamente o postoiro (oco na parede onde é ocultada a chave).

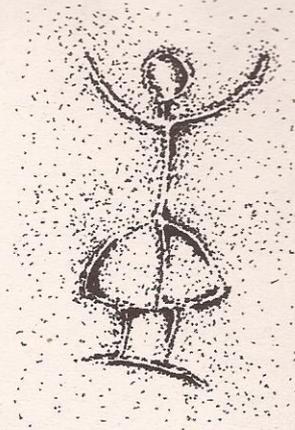
Em geral pode-se concluir que dentro do abrangente campo da nossa cultura material e fora de alguns casos pontuais, o moinho foi junto com o jugo o elemento escolhido com mais frequência e diversidade polos lavregos para plasmar os seus medos e fundas preocupações, as suas ânsias de transcenderem e mesmo o seu imaginário e criatividade no seio dumha sociedade onde o imperante pragmatismo condenava a maioria desta manifestação à superficialidade.



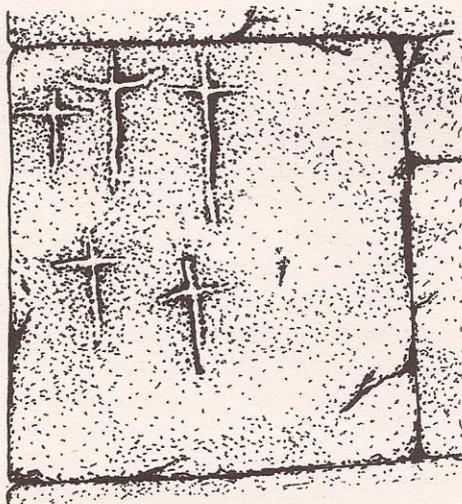
M. DE BAIXO (SALCEDO)



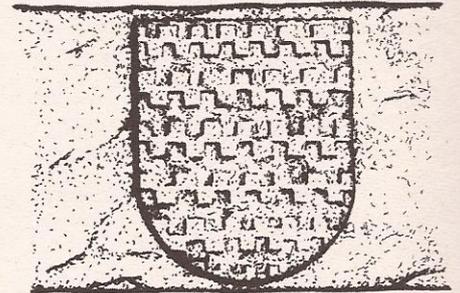
M. DOS CENDONS (SALCEDO)



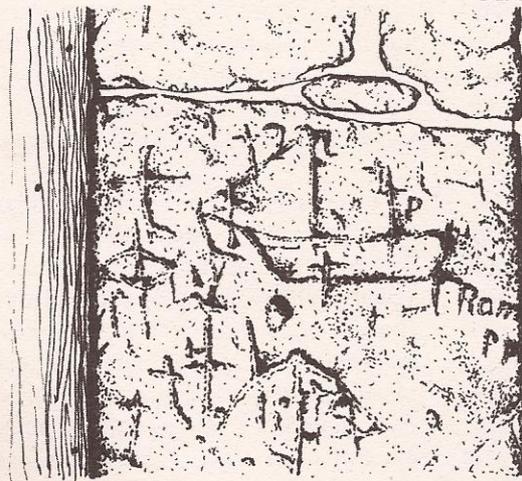
M. DE ÁGUEDA (MOURENTE)



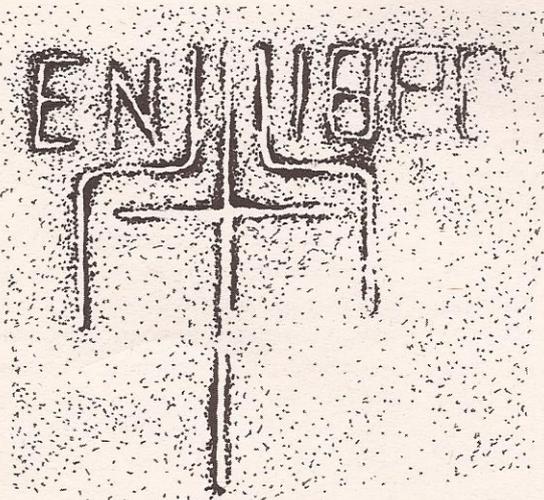
M. DE ÁGUEDA (MOURENTE)



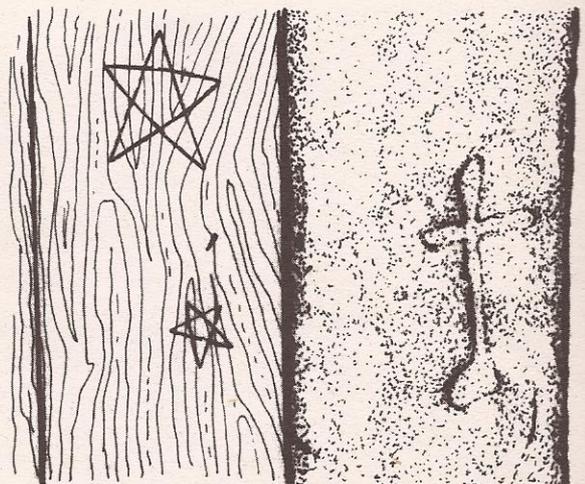
M. DOS CENDONS (SALCEDO)



M. DA TORRE (SALCEDO)



M. ZENHA (MOURENTE)



M. DA CASA VELHA (MARCON)